

AS FIGURAS BÍBLICAS DO DIABO E DOS DEMÔNIOS EM FACE DA CULTURA MODERNA

Para transmitir a Revelação da vitória de Cristo sobre todos os poderes do mal, o Novo Testamento utiliza, entre outras, as figuras de Satanás, do Diabo e dos demônios ou espíritos maus ou impuros, que, na época de Cristo, faziam parte do horizonte cultural comum a todos os povos. O objeto da fé cristã é a vitória do Salvador sobre o mal em todas as suas manifestações. Para o ouvinte ou leitor do Evangelho do nosso tempo pode surgir a pergunta: até que ponto aquelas representações bíblicas das forças do mal fazem parte da revelação ou são apenas o revestimento cultural de uma determinada época, que deve ser transposto numa nova linguagem.

Na teologia dos anos que seguiram ao Concílio Vaticano 11, a figura de Satanás não ocupa um lugar de destaque. Explica-se o conjunto da fé cristã sem mencionar o nome do Diabo. Consultando o índice analítico de temas de duas importantes obras sobre o conteúdo da fé cristã - *Curso fundamental da fé: Introdução ao conceito de cristianismo*, de K. Rahner¹ e *O novo livro da fé: a fé cristã comum*, de J. Feiner e L. Vischer² pode se verificar que o nome do diabo ou satanás aparece apenas uma ou duas vezes, e quase de passagem. Ele é substituído no conjunto da obra pelo termo genérico de "mal".

¹ São Paulo, Paulinas, 1989.

² Petrópolis, Vozes, 1976.

Na obra de catequese fundamental, de mais de setecentas páginas, dirigida por B. Chenu e F. C. Coudreau, *úí foi des catholiques*, Satanás é mencionado uma só vez neste breve texto: "A adesão a Cristo é o que faz soltar a presa ao maligno, cujo reinado não pode ser mais do que provisional. A vida cristã é vitória do amor de Cristo sobre todas as forças do mal e da mentira. Satanás já está vencido. Doravante não tem mais poder, além daquele que lhe concedamos. Por conseguinte, o cris-tão não pode afundar no desespero nem recorrer a práticas mágicas para ver-se livre do mal. Seu Senhor triunfou sobre todas as potências malignas. A vida venceu a morte. As trevas não puderam resistir diante da Luz. A fé, confiada na força libertadora de Deus, faz retroceder todo medo e toda angústia."³

Os próprios textos do Vaticano II são também bastante parcos na explicitação das figuras bíblicas do diabo ou dos demônios. Mencionam-nos, preferentemente, sob a denominação de *Maligno*, apenas de forma esporádica.

Por outro lado, estas atitudes teológicas perante a figura do diabo tem antecedentes na própria Escritura. Na carta aos Romanos, que, como afirma Kertelge,⁴ pode ser considerada como a suma da sua pregação, Paulo fala continuamente do Pecado (43 vezes) para referir-se ao poder do mal, enquanto uma só vez se refere a Satanás, no fim da carta, em Rm 16,20, onde se afirma que "em breve, o Deus da paz esmagará Satanás sob os vossos pés", afirmando, numa perspectiva escatológica, servindo-se da simbólica judaico-apocalíptica, o triunfo de Cristo sobre as divisões e os escândalos provocados por alguns mem-bros da comunidade.

É óbvio, por um lado, que se pode falar da vitória de Cristo sobre o mal sem referir-se apenas às figuras bíblicas do Diabo ou dos demônios. Mas, por outro lado, não se deve esquecer que a renovação bíbli-co-litúrgica pôs a Bíblia nas mãos de todos e introduziu a proclamação em língua vernácula dos textos evangélicos, nos quais a figura do Diabo e dos endemoninhados aparecem com frequência. Cabe, pois, pergun-tar se a simples substituição, na teologia e na catequese, dos diversos nomes do Diabo pela palavra *Mal* é suficiente para levar a uma correta compreensão da fé.

É sintomático e preocupante o ressurgimento recente de um interesse não muito sadio pelos demônios e até de certas práticas exorcísticas, originadas de uma interpretação fundamentalista dos textos bíblicos, não somente nas seitas, mas inclusive em certos grupos católicos. Nota-

³ Paris, 1984. Citado da ed. espanhola: Salamanca, Ed. Sígueme, 1986, p. 364.
⁴ KERTELGE, K. "Diavolo, demoni, exorcismi in prospectiva biblica", em KASPER, W. - LEHMANN K. (eds.), *Diavolo - demon - possessione. Sulla realtà dei mate.* Brescia, Queriniana, 1985², p. 43.

se também nos meios de comunicação um "segredo fascínio"⁵ pela divulgação de fenômenos que manifestam um mundo mágico, mítico ou preternatural.

Resulta daqui a urgência de uma catequese sobre os textos bíblicos que falam do Diabo, para que o povo cristão aprenda a interpretá-los corretamente no horizonte cultural moderno. Numa magistral conferência sobre o tema, na reunião de exorcistas diocesanos de Paris, o teólogo jesuíta René Marlé,⁶ com a sabedoria nascida de uma longa vida a serviço da escuta e da explicação da Palavra divina, advertia que o cristão deve acolher, junto com o conteúdo da fé, a *linguagem multiforme* em que esse conteúdo é transmitido nos textos bíblicos e na qual somos convidados a continuar falando da revelação. Isto quer dizer que os símbolos bíblicos da expressão de nossa fé não podem ser abandonados. Devem, portanto, ser interpretados, para serem compreendidos corretamente no horizonte cultural de cada época.

Concluindo: não basta traduzir os símbolos bíblicos numa linguagem moderna. É preciso aprender a interpretá-los, porque a própria liturgia, com uma sabedoria de séculos, sempre se expressou e continuará a expressar-se na linguagem bíblica. De outra forma ela teria perdido o contato com a fonte da revelação divina e perdido toda possibilidade de vigilância crítica sobre a expressão da fé, que necessariamente sofre as influências dos cambiantes horizontes culturais no caminho da história.

A própria Bíblia, como repetia constantemente o saudoso teólogo Juan Luis Segundo, segue esta metodologia: com suas frequentes releituras da mensagem, mais do que ensinar-nos conteúdos fixos, nos ensina a aprender: aprender a reconhecer e a confessar a Palavra eterna e imutável nas circunstâncias mutáveis da história.

Antes de entrar na análise da simbologia bíblica sobre os poderes do mal, torna-se necessária, para pessoas acostumadas à linguagem técnica e científica, uma observação sobre a linguagem simbólica.

Se a Bíblia falasse do mal apenas do ponto de vista sociológico, físico, ou psíquico, não precisaria recorrer à linguagem simbólica. Mas o mal de que fala a Bíblia, é o mal que atinge na sua raiz a obra da Criação, o mal que perverte as obras de Deus. Para falar de Deus e de

⁵ Já em 1978 o teólogo, atualmente bispo, W. Kasper se referia com esta expressão ao fenômeno. Cf. "Il problema teologico del male", em KASPER, W. - LEHMANN, K. (eds.), *Diavolo - demon - possessione*, p. 45.

⁶ MARLÉ, R., "Victoire du Christ sur les forces du mal", *Esprit et vie* 104 (1994) 465.

todas as realidades relacionadas com o divino, não é possível falar a não ser de forma metafórica. A revelação de Deus é necessariamente simbólica porque, dada a transcendência divina, nenhuma realidade criada pode significar diretamente o Criador. É preciso recorrer a estruturas de significação que designem, junto com o sentido direto e imediato, apreendido da percepção das realidades terrenas, um sentido indireto, figurado, analógico.

Entendemos por símbolo, com Ricoeur, "toda estrutura de significação em que um sentido direto, primário, literal designa por acréscimo um outro sentido indireto, secundário, figurado, que não pode ser apreendido a não ser através do primeiro"? O símbolo, assim entendido, se distingue do simples sinal ou da mera função significativa de toda linguagem ou expressão. O símbolo é um sinal aberto a sentidos escondidos, mais plenos, que é preciso interpretar. As características essenciais do símbolo são: dupla intencionalidade, caráter analógico, dimensão desveladora ou epifânica (o campo do símbolo é o não-visível: o inconsciente, o metafísico, o sobrenatural, o experiencial), função mediadora ou relacional e eficácia presencializadora. E por isso que a linguagem simbólica, dada a sua função mediadora e relacional, é a linguagem por excelência da comunicação "pessoal" e, portanto, da linguagem da Revelação ou auto-comunicação divina. "Tratar os vocábulos como símbolos é interessar-se prioritariamente não pelo enunciado e o seu valor, mas pela enunciação e o sujeito que nele se comunica com outro sujeito. Diz-se "alguma coisa sobre alguma coisa", como em toda linguagem, mas a atenção está voltada ao ato de "alguém que diz essa coisa para alguém".⁸

Simbólico, portanto, não equivale, como às vezes se pensa, a irreal. Ao contrário, a linguagem simbólica pode expressar o real de forma muito mais densa do que a linguagem abstrata, além de poder expressar aquilo que transcende o visível e a aparência imediata. Definir o mal, em *linguagem abstrata*, como "carência do bem devido" - definição filosoficamente corretíssima, embora insuficiente para dar razão cabal da sua presença devastadora no mundo - abstrai das formas concretas em que o mal se manifesta. Com tal definição justificam-se facilmente sofismas, tão próprios da ideologia burguesa, como dizer que ser bom ou mau depende completa e unicamente de nossas opções livres. "Quem é mau - diz-se - é porque quer" ou "quem não sai da miséria é porque não trabalha". Diga-se isso ao menino que nasceu numa favela e que, por força das perversas circunstâncias que envolve-ram sua infância, viu-se obrigado a abandonar o lar e morar na rua! Ou aos que vêm definhar suas vidas em desumanos acampamentos de refugiados!

A *linguagem simbólica sobre o mal*, ao contrário, *junta* todas as experiências do mal, num símbolo (*sym-ballein*, em grego, significa "pôr jun-to") e, ainda por cima, trata de exprimir a profundidade abissal do mal,

⁷ *Le conflit des interprétations. Essai d'herméneutique*. Paris, 1969, p. 165.

⁸ CHAUVET, L.-M. *Symbole et sacrement. Une relecture sacramentelle CŪl'existence chrétienne*. Paris, Ed. du Cerf, 1990, p. 196.

quando é relacionado com o mistério insondável de Deus. Em termos sociológicos podemos falar do *problema do mal* e até *do absurdo do mal*. Em termos teológicos, que é a perspectiva bíblica, é preciso falar do *mistério da iniquidade*, *mysterium iniquitatis*.⁹ Isto só pode ser feito de forma simbólica e com recurso a inúmeros e variados símbolos. Os símbolos dependem do horizonte cultural de cada época.

Os símbolos bíblicos do mal são polimorfos, e não são simplesmente intercambiáveis, porque cada um deles tem uma função específica na expressão de uma realidade que transcende cada uma de suas expressões contingentes e parciais. Nas primeiras páginas da Bíblia, encontramos *a serpente*, que não é identificada com o diabo, nem apresentada como uma máscara de Satanás.¹⁰

Num determinado momento da história bíblica, aparecerá a figura de Satã, que sofrerá consideráveis evoluções semânticas no decorrer da história do povo de Deus. A Bíblia grega traduzirá o termo por Satã ou Satanás, simples transliteração do hebraico, ou por Diabo.

Após o cativo da Babilônia, entrarão no mundo cultural do judaísmo uma constelação enorme de demônios. João falará, além do Diabo, do Príncipe deste mundo, do Pai da mentira. Paulo preferirá falar do Pecado, como figura personalizada do mal. O Apocalipse porá em primeiro plano a figura do Dragão. Essas figuras não são simplesmente sinônimos. E a sua função específica nos relatos ou nos textos em que intervêm deve ser respeitada.

De forma muito concisa apresentaremos, aqui, apenas os símbolos ou figuras de Satã, ou o Diabo e os demônios.

Satã: O termo hebraico significa inimigo, adversário, sedutor. Em alguns textos da Bíblia é usado para referir-se aos inimigos militares ou guerreiros de Israel. No livro de Jó, aparece entre "os filhos de Deus". Não é ainda uma figura perversa. Apenas uma espécie de promotor de justiça ou *acusador* que, com licença de Deus, "tenta" ou põe à prova Jó

⁹ O absurdo do mal pode ser chamado de "Mistério", *mysterium iniquitatis*, enquanto supõe a violação do Mistério que, na linguagem cristã, é propriamente a autocomunicação salvífica de Deus em Cristo.

¹⁰ Se, a séculos de distância, no livro da Sabedoria, já nos albores da realização das promessas messiânicas, a queda de Adão é atribuída à inveja do diabo e, no Apocalipse 20,2, diz-se que o dragão vencido pelo poder do Cristo é a antiga serpente, que é o Diabo e Satanás, o texto permite tanto interpretar a serpente do Gênesis pela figura bíblica de Satanás, como Satanás pela figura bíblica da serpente. E certamente não obriga a identificar todas essas figuras com a concepção extrabíblica do Diabo como um anjo pervertido. Isto ficará mais claro no decorrer do artigo.

para que possa aparecer sua fidelidade nas desgraças terríveis a que é submetido pelos azares do destino. Evidentemente estamos no terreno figurado. O livro de Jó é um *Midrash*, uma história fictícia ou narração figurada, para discutir teologicamente o mistério do mal e da providência divina.

Na concepção do antigo Israel, quem tenta ou induz ao mal, é o próprio Javé. Mais tarde, cria-se a personagem de Satã para tirar de Deus esta função odiosa. Em 2 Sm 24,1, é atribuída a Deus a mesma ação que a releitura do mesmo episódio, no primeiro livro das Crônicas (21,1), atribui a Satã (ao Diabo, na tradução grega).

Na concepção popular, a imagem de Satã como instrumento da cólera divina passa a segundo plano e vai tomando corpo a imagem de um ser perverso, inimigo de Deus.

Diabo: Tradução grega de Satã. Significa, como o original hebraico, o Inimigo, o Caluniador, o Sedutor.

Demônios: A palavra *daimonion* designa no mundo antigo, conforme a crença popular, deuses ou semi-deuses que, com seu poder sobre-humano imprevisível e não raramente pernicioso e ameaçador, influem no destino dos homens. A magia tenta controlar estes poderes.

Na Babilônia, o povo judeu teve contato com a desenvolvida demonologia da Mesopotâmia. Mas as severas proibições da magia na Lei de Moisés impediram que tais crenças penetrassem nos escritos bíblicos, embora, de alguma forma, cheguem a influenciar-lhes a linguagem. Deve-se ter muito cuidado, porém, ao interpretar os textos em que a linguagem possa refletir de alguma forma as crenças dos povos vizinhos.

O termo *demônio* aparece, no Antigo Testamento grego, apenas 19 vezes. Sete delas no livro de Tobias, cujo gênero literário é o da historiografia criativa, ou seja, uma narração fictícia ou "estória" edificante que visa transmitir uma mensagem religiosa. Trata-se do demônio Asmodeo, que, apaixonado por Sara, vai matando sucessivamente seus sete maridos nas sucessivas noites de núpcias; até que Tobias, protegido pelo anjo Rafael, supera o malefício.

Em outras seis passagens, o termo designa os *ídolos*. Em outras três ocasiões, refere-se a habitantes quase-míticos do deserto. Por fim, no Salmo 91(90) v. 6, o termo "demônio" designa uma *praga*. Não se trata portanto de um ser pessoal, embora a terminologia possa refletir de alguma forma as crenças da Mesopotâmia. É importante notar que o termo *daimonion* é do gênero neutro.

Mas esta vigilância dos escritores bíblicos para evitar a contaminação com as crenças dos povos pagãos não impediu que no judaísmo

tardio se estendesse entre o povo a atribuição de certas doenças, as de caráter psíquico ou neurológico principalmente, a *forças maléficas* que são designadas com o nome de demônios (por ser o termo grego do gênero neutro, melhor traduziríamos forças demoníacas) ou também de espíritos impuros. O qual não tem nada de estranho, no quadro dos conhecimentos médicos da época. Nos evangelhos, enfermidades como a lepra ou a paralisia, cujas causas ou sintomas são externos, nunca são atribuídas a demônios. Mas doenças "internas", de causas desconhecidas para a medicina, sobretudo quando seus sintomas se apresentam de forma intermitente, são concebidas como sendo causadas por um demônio ou uma força demoníaca. Suponhamos o caso do epiléptico: ele aparentemente não tem nenhuma doença, mas de repente é jogado no chão, por uma força desconhecida, começa a espumegar saliva, ran-ger os dentes até ficar rígido; diz-se que tem um demônio. Com maior motivo tirava-se esta conclusão no caso de esquizofrenia.

A designação dos demônios como espíritos impuros deve-se a que as doenças por eles causadas faziam com que o endemoninhado contraísse "impureza legal" e conseqüentemente fosse afastado da plena participação nos atos litúrgicos ou nas assembleias das sinagogas. Isto vai dar um sentido messiânico muito claro aos exorcismos e às curas de Jesus.

Também doenças como a surdez, a mudez ou a gagueira são atribuídas a demônios ou espíritos impuros. Um surdo e mudo aparentemente tem os órgãos da fala e da audição normais e contudo não ouve, não fala ou fala de forma balbuciante. Pensa-se que tem uma força estranha e desconhecida que o impede de falar: essa força é denominada "demônio mudo". Diz-se então que a pessoa está endemoninhada ou tem um demônio. Lembre-se que demônio é do gênero neutro.

Por contaminação semântica o sentido do termo se amplia. Quando uma pessoa tem uma conduta que não se encaixa nos parâmetros socialmente estabelecidos (no caso da sociedade judaica os parâmetros da interpretação da Lei por parte dos dirigentes) diz-se que tem um demônio ou um espírito impuro. Talvez hoje diriam: perdeu o juízo! ou está doido! Foi dito de João Batista e de Jesus (Mt 11,18; Mc 3,30; Jo 8,52).

Concluindo podemos dizer que a Bíblia admite a existência de forças ou poderes que se opõem ao Reino de Deus e ao bem-estar do homem. Nem o AT nem o NT apresentam uma concepção unitária de tais poderes, representados por figuras e crenças populares diversificadas.

11 Cf. KITTEL (ED.) VERBETES: 5CJifJWV, 5CJifJÓVIOV, 5,á3oÁoç, ICITCJvôç, *Theological Dictionary of the New Testament*, II e VII, Ann Arbor 1973, 1975. KERTELGE, K "Diavolo, demoni, exorcismi in prospettiva biblica", em KASPER, W. - LEHMANN, K (eds.), *Op. cit.*, pp. 7-44. ÁLVAREZ, A. "¿El diablo y el demonio son lo mismo? Aclaraciones para una correcta comprensión", *SeTeol* 34 (1995) 61-64. Condensado de *¿El diablo y el demonio son lo mismo?*, El liberal, 1993. FRAIJÓ, M. *Satán en horas bajas*. Madrid, Sal Terrae, 1993, pp. 20-31 (Fé y secularidad).

O conjunto dessas figuras - podemos afirmar com Kertelge - se bem nos permite reconhecer traços pessoais nas manifestações dos poderes que se opõem a Deus, não chega a constituir-se numa figura "que justifique o conceito de um ser pessoal". "Tal impressão é confirmada pelo fato de que tanto no Antigo como no Novo Testamento se observam tendências não irrelevantes, que não apresentam o mal como um poder que agiria de forma anônima, mas antes o individualizam no comportamento do homem e o designam como *pecado*".¹²

A integração deste quadro cultural com a fé no Deus criador

Diante deste horizonte cultural em que o ser humano é concebido como submetido a influências de poderes obscuros, bem sejam forças demoníacas que causam doenças ou condutas estranhas, ou induzido ao mal por algum ser misterioso, imaginado de forma personalizada como "inimigo" ou *satã*, a fé de Israel viu-se na obrigação de pensar a relação destas forças com o domínio absoluto de Deus sobre a criação e com a responsabilidade humana perante o Deus da aliança.

O relato do Paraíso, em que se narra simbolicamente o pecado da humanidade, tem como finalidade primeira responsabilizar o homem e a mulher por terem sucumbido à tentação, representada pela figura da serpente, imagem do fascínio e, ao mesmo tempo, do caráter traiçoeiro e enganador de toda tentação. Esta é figurada também na proposta de "ser como deuses", ou de adquirir o poder da decisão arbitrária e egoísta sobre o bem e o mal. No relato, a figura da serpente nada tem a ver com a figura posterior do diabo.

A personalização do mal em *Satã* e a sua crescente compreensão como força que se opõe a Deus levam os autores dos livros apócrifos do período intertestamentário a urdir uma estória curiosa, que tenta conciliar a unicidade do poder Criador de *Javé* com a presença no mundo de uma força que se opõe a Deus. Em polémica com o dualismo dos povos vizinhos, *Satã* é imaginado como um anjo criado por Deus que, fazendo mau uso da sua liberdade, se pervertera. Surge assim nos escritos extrabíblicos a estória da expulsão de *Satanás* da glória celeste por não ter querido adorar *Adão*, feito à imagem de Deus.¹³

¹² *Op. cit.*, p. 16 s.

¹³ Cf. *Vida de Adán y Eva*, 9-16, em MACHO, A. D. (org.), *Apócrifos del Nuevo Testamento II*, Madrid, 1983, pp. 340-341. Por seu interesse para entender a permanência durante séculos da figura de *Satanás*, que tem sua origem nestas tradições extrabíblicas do período intertestamentário, anexamos como apêndice a este artigo a tradução do texto.

Esta estória (*midrash haggádico* ou interpretação narrativa dos escritos bíblicos) visa, em primeiro lugar, mostrar a grandeza do homem e da mulher, criados à imagem de Deus e, ao mesmo tempo, explicar a sua queda ou a sua situação de conflito no mundo, ameaçados pela tentação e pela desgraça. Seu objetivo não é definir a natureza de Satanás ou dos anjos, mas exaltar a grandeza do ser humano, criado à imagem de Deus, e portanto capaz de suscitar a inveja até dos seres celestes.

Em todo caso, a Bíblia nunca fez sua esta interpretação, que ligeiramente cristianizada passou a fazer parte da interpretação cristã das figuras bíblicas do mal, na época patrística. Na interpretação dos Padres, a revolta do Anjo mau não teria sido recusar-se a adorar a imagem de Deus em Adão, mas a Palavra de Deus feito carne em Jesus Cristo.

Por uma exegese equivocada e arbitrária de alguns textos bíblicos, Is 14,12 e de Jó 41,10, os Padres começam a designar o Anjo decaído como Lúcifer. O texto de Isaias "como vieste a cair do céu, luzeiro da manhã, filho da aurora! Foste derrubado por terra, tu que subjugavas as nações" se refere à queda do rei da Babilônia, embora com o recurso de um poema que alude aos mitos das quedas dos deuses rivais. As imagens literárias com que é descrito o monstro marinho Leviatan ou Sinuoso, devorador do sol, nada tem a ver com a lenda da queda dos anjos.¹⁴ É possível que contribua também para esta interpretação dos Padres o fato de que já o *Midrash* judaico falava de Satanás como "anjo resplandecente" e Paulo, aludindo provavelmente a essas tradições, afirma, em 2 Cor 11,14, que o tentador se disfarça de anjo da luz (*angelon photon*).

Às vezes se cita Lc 10, 18, "Eu via Satanás cair do céu como relâmpago", como alusão a tal interpretação. Mas a afirmação de Jesus não é mais do que uma forma figurada de falar do sucesso da missão dos discípulos e sua vitória sobre os poderes que se opõem ao reino, simbolizados pela figura de Satanás.

Tampouco pode-se citar para justificar a adoção, pela Bíblia, do midrash extrabíblico sobre a queda dos anjos, Jd 6 e 2Pe 2,4, que provavelmente depende de Judas. Ambos os textos, advertem contra falsos doutores que tentam desviar os fiéis da sã doutrina com teorias que desconhecemos, provavelmente de tipo gnóstico. O que está em questão no texto é uma chamada ao temor da justiça de Deus, e para isso se citam exemplos bíblicos, de caráter lendário, do castigo de Deus, como o dilúvio, Sodoma e o castigo dos anjos (ou filhos de Deus, que abandonaram sua posição seduzindo mulheres) de que se fala no enigmático texto do Gn 6,4, lido através de comentários de livros apócrifos, como Henoc. Evidentemente essas alusões vagas e imprecisas devem ser consideradas apenas como influência e contaminação cultural da linguagem, numa época - o judaísmo tardio - em que pululavam inúmeras especulações apocalípticas, estranhas ao cernida mensagem cristã.

Na tradição testemunhada neste texto do Gênesis aparece uma explicação da origem dos "anjos maus" bem diferente da apresentada pelo midrash da Vida de Adão e Eva, que evidentemente nunca a Igreja pensou em adotar.

Os evangelhos relatam diversas curas milagrosas realizadas por Jesus.¹⁵ Entre as doenças curadas figuram também aquelas que no seu tempo eram atribuídas a demônios. É certamente Jesus realizou estas últimas através de exorcismos, como era comum na época. Podemos nos perguntar: Jesus, Filho de Deus, não sabia que tais pessoas eram apenas doentes mentais ou portadoras de distúrbios neurológicos? Os caminhos de resposta a esta pergunta devem ser procurados nos antigos Concílios que dirimiram as controvérsias cristológicas.

A natureza humana de Jesus/ embora esteja unida substancialmente ao Verbo ou Palavra eterna de Deus/ de forma alguma se mistura ou se confunde com a natureza divina. Conseqüentemente a sua inteligência e o seu saber não se misturam com a inteligência divina, única e indivisível do Pai/ do Verbo e do Espírito. Deus/ que certamente podia infundir certos conhecimentos proféticos na inteligência humana de Jesus/ necessários para a sua missão, não teria razão nenhuma para infundir os conhecimentos atuais da ciência médica e psiquiátrica. Ao contrário, a verdade da encarnação mostra a suma conveniência de impedir qualquer ação extraordinária de Deus/ no saber humano de Jesus/ que o arrancasse da condição humana, igual à nossa em tudo, menos no pecado. Faz parte desta condição que a inteligência esteja inserida no horizonte cultural da época. Jesus certamente se apresentou como um exorcista, figura relevante no mundo religioso da época, e isto certamente tem uma significação teológica que vai além do fato de ter manifestado poder de curar certas doenças psíquicas. Significa que Jesus vêm "exorcizar" todas as forças que, ao se oporem à santidade de Deus, destroem ou desfiguram a vida humana.

À pergunta subsequente de saber se Jesus concebia os demônios como forças pessoais ou apenas como forças impessoais que perturbam a vida humana, não é tão fácil responder. Provavelmente, no tempo de Jesus, existia a tendência, entre o povo/ de conceber essas forças como subordinadas a poderes pessoais e, em último termo, ao Príncipe dos demônios: Satanás. Na controvérsia com Jesus/ os escribas vindos de Jerusalém à Galiléia para acusá-lo de expulsar os demônios por poderes mágicos, dizem que ele expulsa os demônios pelo poder de Belzebu, "o senhor das moradas" / estranhamente identificado com o príncipe dos

¹⁵ Sobre os exorcismos, ver: KE-TELGE, K "Jesus, seus milagres e Satanás", *Cornélium* 103 (1975/3) 295-303. GONZALEZ-FAUS, J. 1., "Jesús y 10s demonios. Introducción cristológica a la lucha por la justicia", *EstEc* 52 (1977) 487-519.

demônios. Por trás da acusação, está provavelmente a crença popular de um exército de demônios ou poderes demoníacos comandado por Satanás. Belzebu poderia ser um dos príncipes dos demônios.

A resposta de Jesus faz suspeitar nele uma mentalidade um pouco diferente. Como é dito já no prólogo do evangelho de Marcos, no relato do confronto com o tentador, no deserto, há dois poderes em luta: o poder ou Espírito de Deus, em nome do qual Jesus expulsa os demônios, e as forças que se opõem ao Reino de Deus, simbolizadas pelo poder de Satã. Jesus argumenta que se ele agisse por um poder demoníaco, Satã estaria contra si mesmo, e o seu domínio estaria no fim. A argumentação de Jesus obviamente situa-se no contexto da mentalidade dos seus acusadores, que atribuem a poderes mágicos ou feiticeiros o seu domínio sobre as forças demoníacas. Nem Jesus nem a Bíblia fazem sua esta crença popular refletida na acusação dos adversários. A argumentação de Jesus quer apenas mostrar que suas curas e exorcismos mostram o poder do Espírito de Deus vencendo Satanás.

Os relatos dos exorcismos não nos podem trazer maiores esclarecimentos sobre a mentalidade do exorcista Jesus, porque eles não são meras reportagens dos fatos, mas estão "teologizados" através dos diálogos dos "demônios" com o exorcista, apresentados como portavozes dos poderes que se opõem ao Reino de Deus com Jesus, instaurador do Reino. Tais poderes são "simbolizados" pela figura de Satanás ou do Diabo. Dessa forma os relatos se tornam paradigmas da vitória definitiva de Jesus sobre os poderes do anti-reino, que, como sabiamente afirma Kertelge,¹⁷ não pode ser pensado - quando se leva a sério a mensagem do NT sobre a vitória de Jesus sobre o mal e se interpreta corretamente os reflexos do horizonte cultural da época - como um "reino de Satanás", concebido como Um exército ordenado de demônios sob o comando do Diabo. Tal forma de pensar estaria muito próxima de uma concepção dualística do mundo.

Há razões sérias para afirmar que o "pensar teológico" de Jesus diante dos poderes que, ao opor-se ao Reino, acabam sendo para ele próprio uma ameaça mortal - mesmo permanecendo no âmbito cultural da época quanto à etiologia das doenças "demoníacas" - tenha caminhado para uma lucidez progressiva quanto à identificação da raiz profunda do mal. Ela está, no dizer do Mestre, "no coração do homem", porque o que "toma o homem impuro é o mal que sai do seu interior" (d. Me. 7, 23). Não há aí um caminho precioso para identificar o simbolismo profundo da expulsão dos "espíritos impuros" e tentar penetrar um pouco no mistério insondável da consciência humana de

¹⁶ Interpretar estes diálogos como reminiscências dos fenômenos parapsíquicos dos possessos é um fundamentalismo ingênuo que desconhece a estudada composição dos mesmos e a sua função teológica no conjunto do evangelho. Significa ignorar os métodos narrativos dos judeus.

¹⁷ Cf. *Art. cit.*, pp. 26s.

Jesus? Porque certamente Jesus não viu nos pobres epiléticos ou endemoninhados, dos quais expulsava os demônios, uma ameaça ao Reino. Sentiu essa ameaça certamente naqueles que os tinham excluído da convivência religiosa e social e que, por inveja, chamavam de Belzebu, senhor das moradas, a quem os acolhia e abria as portas a essa convivência (d. Mt 10,25). Ironizavam sua pretensão de ser o "dono da casa", porque os curava no sábado.

Os relatos de caráter *midráshico* das tentações de Jesus por Satanás no começo dos evangelhos sinópticos, mais desenvolvidos em Lucas e em Mateus, longe de contradizer a afirmação anterior a confirmam. Porque esses relatos figurados se referem ao combate de Jesus com as forças que se opõem ao seu messianismo e que, por sua vez, o submetem à prova tentando-o desviar dos caminhos de Deus, e é fácil identificar ao longo do relato evangélico quais foram essas forças no caminho concreto de Jesus. Certamente não foram forças extramundanas que crucificaram o Messias.

*No final do relato das tentações Lucas afirma. "Tendo esgotado toda tentação possível, o diabo afastou-se dele até o momento fixado". Lucas não apresenta nenhum outro ataque do diabo. Estas palavras só podem referir-se à paixão. A "prova" decisiva do Messias. Mas segundo os evangelhos os atores desta prova são todos seres humanos. Os relatos da paixão não falam nunca do diabo.*¹⁸

Outro conceito utilizado por Jesus para referir-se aos poderes que se opõem ao Reino, e que inicia já nos evangelhos um processo de desmitização com relação às crenças populares de forças extramundanas, é o conceito de escândalo. Melhor diríamos a figura. Pois se trata de uma figura bem expressiva: escândalo é a pedra que faz tropeçar e cair. Nos sinóticos encontramos 24 referências a esta figura. A sua análise mostra que todos os obstáculos que se opõem ao reino e impedem de entrar nele são "humanos".¹⁹ O maior escândalo será a cruz, mas é ela que vai tirar todos os outros.

Como vimos, a interpretação extrabíblica do demônio dada pelos apócrifos judaicos condicionou a interpretação da figura bíblica de Satanás, e não tem nada de estranho que assim fosse, enquanto perdurou o horizonte cultural que projetava em seres extraterrenos a origem dos males que afligem o homem. Também não tem nada de anormal que ela entre em crise quando começam a conhecer-se melhor as origens polimórficas desses males. Não se pode ignorar, contudo, que mesmo

¹⁸ Cf. SCHWAGER, R. "Quién o qué es el diablo?". *Se/Teo133* (1994) 137. Condensado do artigo: "Der vom Himmel gefallene Satan. Wer oder was ist der Teufel?" *Theologie der Gegenwart* 35 (1992) 255-264

¹⁹ Sobre este tema pode ver-se o sugestivo artigo de GAUTHIER, J-M. "Quand un pauvre diable est prince de ce monde ou le scandale de Satan selon René Girard", *Théologiques* 5 (1997) 7-22.

hoje esse universo mítico de forças do mal personalizadas continua a ser para muitos o horizonte de compreensão do mistério do mal.

Em tal horizonte cultural não há outro caminho para escapar ao dualismo malíquoista senão a concepção de Satanás como um ser criado bom, um anjo, pervertido pelo pecado. Quando a interpretação malíquoista da realidade ameaçou corromper a fé cristã, a Igreja teve que declarar com firmeza, no decreto *Firmiter* do Concílio de Latrão IV, que todos os seres existentes são criaturas do Único Deus e que, portanto, os seres espirituais e corpóreos foram criados por Deus e que o Diabo só podia portanto ser um ser espiritual, criado bom por Deus, pervertido pelo pecado. "O diabo, portanto, e os outros demônios - define o Concílio - foram criados certamente bons na sua natureza, mas eles por si mesmos se tornaram maus".

O menos que se pode dizer a respeito do sentido desta definição é ser *controvertido*²⁰ que o Concílio tenha definido positivamente a existência dos demônios, já que a intenção do Concílio era combater o dualismo malíquo dos Cátaros: a crença em dois princípios da realidade: um bom, criador do mundo do espírito, e outro mau, origem do universo material. Grandes teólogos defendem que somente isto é o objeto da definição²¹. Os que defendem que é definida também a existência argumentam a partir da forma absoluta, não hipotética, da definição. A argumentação não convence. O Concílio não podia definir algo que não estava em forma alguma em questão e que o horizonte cultural e os procedimentos de hermenêutica bíblica da época não permitiam pôr seriamente em dúvida. Do contrário teríamos que admitir que um Concílio pode definir certas verdades por acaso. Seria uma concepção quase mágica da infalibilidade do Magistério.

A interpretação das figuras bíblicas com a ajuda do *midrash* judaico da *Vida de Adão e Eva* cristalizado condicionou durante séculos a leitura da Bíblia. No contexto cultural do mundo antigo, essa interpretação era quase inevitável. Hoje, no horizonte da modernidade, que permite analisar com facilidade a origem de muitos males e atribuí-los a causas extraterrenas, e sobretudo com o avanço dos estudos de exegese e hermenêutica bíblicas, o teólogo tem o dever de perguntar-se se tal interpretação está *em consonância com o conjunto da revelação bíblica*. Certamente é possível encontrar caminhos de interpretação para as

²⁰ E isto já bastaria para que a pregação cristã e a catequese não possam impôr uma determinada interpretação dos textos bíblicos como vinculante para a fé. Isso implicaria pôr um obstáculo (escândalo ou pedra de tropeço) para a acolhida da fé cristã a quem não aceitasse tal interpretação.

²¹ cf. KASPER, K., *Op. cit.*, pp. 58-59.

figuras bíblicas do mal que, evitando o dualismo maniqueu, salvando melhor a responsabilidade humana e com maior respeito dos textos bíblicos (respeito, que certamente não consiste na sua leitura fundamentalista), são capazes de superar as dificuldades que a estória dos anjos decaídos suscita para a teologia. Tais interpretações estão mais em consonância com os pontos centrais da fé e com a novidade libertadora do evangelho de Jesus Cristo.

Sempre foi difícil aos teólogos explicar como naturezas angélicas perfeitíssimas poderiam ter-se revoltado contra Deus de forma irrevogável. Pensar o caráter pessoal do Diabo e dos inumeráveis demônios obrigou também os teólogos a verdadeiros malabarismos filosóficos, na definição do conceito de pessoa. Mas há, ao meu ver, duas dificuldades maiores que suscitam imediatamente a suspeita de que tal interpretação tenha entrado por caminhos sem saída.

1° A Revelação cristã jamais ousou afirmar de alguma criatura humana que esteja irremissivamente condenada para sempre. A Revelação das penas eternas ou da morte eterna (as duas figuras são usadas na Bíblia) tem como finalidade alertar para a responsabilidade da liberdade humana. Ninguém poderá ser salvo se rejeita de forma definitiva a graça oferecida por Deus. Mas saber se, de fato, há alguém condenado ao Inferno, é uma curiosidade à qual a Revelação cristã não responde. Pertence ao mistério de Deus e da sua misericórdia. Ora, pretender saber que há infinidade de seres angélicos que foram condenados para sempre requereria, segundo a lógica e a congruência do conjunto das verdades reveladas, o apoio de uma clara e explícita afirmação bíblica sobre o fato, dada a gravidade da afirmação. E na Bíblia nada se diz a respeito.

2° Se o diabo e os demônios fossem seres angélicos condenados definitivamente, em forma alguma se explicaria, dentro da lógica da Revelação, por que são capazes de agir no mundo. Máxime sendo a afirmação central do cristianismo a vitória definitiva de Cristo sobre os poderes do mal. Que o mal continue no mundo, mesmo depois da vitória de Cristo, está em perfeita consonância com a Revelação, quando se trata do mal procedente de liberdades humanas, ainda a caminho da pátria definitiva. Isto porque, tão central como a vitória de Cristo sobre o mal, é que esta vitória se dá pelo amor, e o amor exige o respeito absoluto às liberdades.

O *Çatecismo da Igreja Católica*, recentemente promulgado, apesar de seus méritos inegáveis, estranhamente mantém a hipótese dos anjos decaídos.² Tendo consciência desta unicidade, ve-se obrigado a dizer que a "permissão divina da atividade diabólica - embora cause graves

²Se bem que ao menos tem o mérito de não dedicar ao tema mais do que uns poucos parágrafos (nos 391-394).

danos para cada homem e para a sociedade - é um grande mistério, mas 'nós sabemos que Deus coopera em tudo para o bem daqueles que o amam'" (n. 395). Apelar desta forma para o mistério não é boa teo-logia. O "Mistério cristão" não pode ser um artifício para escapar a dificuldades teológicas. O Mistério cristão, como foi dito acima, é a realidade da autocomunicação salvífica de Deus em Cristo. Deve-se dizer que a cruz de Cristo, a crucifixão do Filho de Deus, é um grande mistério. Insondável, certamente. Nela está em jogo o Mistério do amor e da misericórdia infinitas de Deus, que superam toda inteligência. Mas esse mistério pode ser adorado, porque é o Mistério de Deus que, quando acolhido, ilumina a vida humana, com tudo o que ela tem de dramático e até de trágico, embora o Mistério de Deus, ao revelar-se, não se "des-vele". Do contrário não seria o Mistério de Deus. Mas se o Mistério de Deus não se desvela e não pode ser nunca totalmente compreendido, pode-se, com a ajuda da graça, penetrar mais e mais nele, de forma que ele ilumine progressivamente toda a realidade. Encontrar Deus não é fazer a experiência do Sentido último de toda a realidade? O cristão realiza esta experiên-cia na vitória da cruz do Cristo sobre o Mal em todas as suas ma-nifestações.

Antes de tentar uma possível interpretação das figuras bíblicas do mal é necessário perguntar-se se a fé cristã obriga a crer nos anjos decaídos. A resposta deve ser negativa.

No *Credo* proclamamos a vitória de Cristo sobre o mal, a redenção e salvação do mundo na Cruz. A fé na cruz do Cristo implica necessariamente a afirmação da existência do mal que atinge a humanidade, cuja profundidade só se revela na "loucura da pregação" da cruz de Cristo. "Escândalo para os judeus e loucura para os gentios". Mas "poder de Deus para os que se salvam" (cf. 1Co 1,21-24). O diabo, enquanto anjo decaído, não é objeto da fé cristã. Isto, porém, não quer dizer que devemos abolir a figura bíblica de Satã, ou do diabo, ou a personificação paulina do Pecado. Porque estas figuras têm a função de ajudar-nos a penetrar no abismo desconcertante e terrível do Mal, cuja profundidade só é comensurável com a profundidade do Mistério do Amor de Deus ao qual ele pretende se opor.

A perversão da liberdade criada ou a revolta da criatura contra Deus

A pergunta fundamental, portanto, deve ser: O que a Bíblia quer revelar com a figura do Diabo e dos demônios?

Que haja forças destrutivas no mundo, ninguém o pode negar. Que elas seduzem o ser humano e se apresentam, às vezes, como assusta-

doras e quase irresistíveis, faz parte da experiência comum da humanidade. Depois dos horrores dos massacres em massa e programados de milhões de inocentes, quem se atreverá a negá-lo. Que essas forças se apresentem como superando absurdamente a maldade que cada indivíduo pode isoladamente gerar, e que procedam como força sedutora da opção livre de cada indivíduo, explica que sejam facilmente projetadas no mundo invisível de espíritos perversos.

Mas escutando atentamente a Revelação, acolhendo de coração o mistério da Cruz de Cristo, e das forças que a causaram, sem interpretações preconcebidas ou precipitadas, Deus pode iluminar o cristão acerca das poderes absurdos do mal que o ameaçam.

A primeira coisa que será preciso afirmar é que essas forças devem ter sua origem em seres livres e pessoais. Elas não podem ser forças maléficas da natureza, porque isso responsabilizaria a Deus pelo mal. Por outro lado, a reta razão e a revelação não permitem responsabilizar a uma determinada pessoa pelo mal do mundo, nem sequer por alguns deles, de forma isolada. Porque mesmo os causadores de males horrendos são também vítimas de forças sedutoras.

Se consideramos o ser humano isoladamente ou mesmo como ser social, mas já constituído totalmente em si, fora de qualquer relação com os semelhantes, pode-se incorrer facilmente na ilusão de conceber fora da humanidade e de forma mítica as forças sedutoras e destrutoras do mal. Mas se consideramos o ser humano, como um ser que nasce e se faz na relação com os outros, um ser que não pode ser pensado fora dessa relação, ou, se queremos, um ser que é linguagem (entendendo o termo no seu sentido mais amplo), que nasce, cresce e se faz na linguagem e enquanto linguagem, não é preciso acudir a essas forças míticas para compreender que o poder sedutor do mal, sem identificar-se com cada ser humano e apresentando-se a cada um deles como exterior a si, possa ter origem no conjunto de todos eles ou, se quisermos, na rede de relações por eles constituída.

A perversão da relação ou da linguagem, constitutiva dos seres humanos, mesmo procedendo deles, pode tomar-se um força destrutiva e sedutora que se apresenta como exterior a cada indivíduo e que supera imensamente a maldade de cada uma das liberdades que a originam.

A Revelação bíblica vai mais longe. O homem é um ser chamado desde a sua origem à relação com Deus, um ser em diálogo com Deus, um ser que nasce pelo Espírito da Palavra criadora de Deus. O homem é constituído por uma linguagem sublime que é diálogo com Deus. E este diálogo com Deus constitutivo do ser humano (mercê, entenda-se, da gratuidade infinita do amor divino) envolve necessariamente o diálogo recíproco com todos os irmãos.

A consequência, à luz da Revelação divina, é óbvia. A perversão desse diálogo se torna uma força destrutiva e sedutora, cuja profundidade abissal corresponde à altura sublime do Mistério divino ao qual ela se opõe. Essa força é denominada, na Bíblia, de Satã: o Inimigo, o Adversário, o Acusador. Ela tem, de alguma forma, caráter pessoal:

23 não existiria sem as pessoas. Não pode ser uma força da natureza.

Mas, sendo "pessoal", não pode, contudo, identificar-se com nenhuma dessas pessoas isoladamente. Pedro, conforme o testemunho do próprio Cristo, pode fazer em determinado momento o jogo de Satã (cf. Mc 8,33). Naquele momento, Satã não tentaria a Jesus, sem Pedro. Mas Pedro sozinho não é Satã. Por outro lado, é significativo que o motivo que leva Jesus a chamar o discípulo de Satã é o fato dele deixar-se seduzir por uma forma de pensar "humana", fechando-se assim a acolher os pensamentos de Deus.

Mas se Satã pode ser dito *de alguma forma* (ou de maneira analógica) "pessoal", porque tem sua origem na perversão das relações pessoais, na sua essência mais profunda, deve ser pensado como aquilo que há de mais *impessoal* e mais destrutor da pessoa nas relações humanas. Satã ou o Diabo, melhor diríamos no horizonte da modernidade, o *diabólico ou satânico*, com todas as forças demoníacas, é a *máscara* (que é outro sentido da palavra *persona*), a *personagem* que disfarça o conjunto das forças concretas destrutivas da pessoa. Mais que "pessoa" deveria ser dito a *anti-pessoa* por antonomásia. Merece bem as designações bíblicas de *Adversário, Sedutor, Mentiroso, Homicida*. Estas afirmações se situam na linha de pensamento de teólogos notáveis - W. Kasper, K. Lehmann, J. Ratzinger, R. Marlé,²⁴ entre outros -, levando-as às suas últimas consequências.

W. Kasper afirma: "O Diabo não é uma figura pessoal senão uma não-figura que se dissolve em alguma coisa de anônimo e sem rosto, um *Sf:T* que se perverte no não-ser: é pessoa no modo de não pessoa."²⁵ Mais claramente? Kertelge afirma: "Na concepção bíblica pecado e morte aparecem como entidades personificadas. É possível também individualizar traços e estruturas pessoais nas figuras dos demônios e potências do mal. Mas, embora, as descrições bíblicas o diabo seja representado como uma entidade pessoal; é certo que não se lhe pode atribuir o conceito de pessoa com o título de dignidade; conceito que se emprega ao referir-se a Deus e ao homem: O diabo aparece ao contrário como a perversão mentirosa da dignidade pessoal".

Podemos conceber o Diabo e os demônios, mais do que como um *Ente* pessoal, como um *entre*. Como o conjunto de poderes maléficos que estão *entre* os homens e que pervertem suas relações pessoais. Tem

²³ A insistência no caráter "pessoal" do Diabo em algumas afirmações do magistério é perfeitamente explicável e justificada. Do contrário, haveria que atribuir ao Deus criador a origem do mal. Que essas afirmações devam ser reinterpretadas em outros contextos culturais não tira a verdade nelas contida.

²⁴ Cf. MARLÉ, R., *Art. cito*

²⁵ KASPER, K., *Op. cit.*, p. 72.

sua origem nas pessoas, mas são o que de mais impessoal e anti-pessoal pode conceber-se. Esta categoria é sugerida por Ratzinger e retomada por R. Marlé. Aqui porém é entendida de forma diferente.

"O pensamento moderno - escreve Ratzinger - dispõe, parece-me, de uma categoria que pode ajudar-nos a compreender de novo mais precisamente o poder dos demônios, cuja existência, é verdade, é independente desta categoria. Os demônios são um poder do "Entre" ao qual o homem não cessa de ser confrontado sem que ele a possa fixar como uma coisa. É precisamente o que Paulo tem em mente quando ele fala dos "dominadores deste mundo das trevas"; quando diz que, contra eles-estes espíritos do mal que estão nos ares -, nosso combate não é dirigido contra a carne e o sangue (Ef 6,12). Ele é dirigido contra este "Entre" firmemente estabelecido, que, ao mesmo tempo, encadeia os homens uns aos outros e os separa uns dos outros; este "Entre" que os violenta, jogando diante deles o jogo da liberdade. Tem-se aí um traço específico do demoníaco: sua ausência de rosto, seu anonimato. Quando se pergunta se o diabo é uma pessoa, dever-se-ia responder com mais propriedade e que ele é a não-pessoa (ou o antipessoal: Die Un-person, como UN privativo de desintegração), a ruína do ser pessoal, e é por isso que é característico de sua natureza apresentar-se sem rosto; sua força própria é não deixar reconhecer. Fica firme em todo caso que este "Entre" é uma potência real, melhor: um conjunto de potências e não simplesmente uma adição de eus humanos."²⁶

Quando Ratzinger afirma que esse conjunto de potências é mais do que uma soma de eus humanos, está pensando em seres extra-mundanos? Parece que sim, posto que estas palavras foram escritas em resposta ao opúsculo de H. Haag, *Abshied vom Teufel (Adeus ao Diabo)*.²⁷ Não é nossa finalidade aqui analisar o pensamento do exímio teólogo. Não é fácil, porém, conceber que tipo de ser deve ser atribuído a esse "entre", ao qual é negado por um lado o "ser pessoa", mas por outro se nega que seja uma simples adição de eus humanos e uma personificação das potências do mal.

Não é necessário pensar em seres extra-mundanos para manter a afirmação de que o que a Bíblia entende por forças demoníacas é mais do que a soma de eus humanos. Aí está talvez o cume da importância e da profundidade simbólica da figura bíblica: quando se perverte a relação humana - relação que tem sua raiz e seu fundamento em Deus, no chamado à comunhão com Deus -, ela deixa no mundo e na história uma força maléfica que supera muito, em capacidade de sedução e de perversão, a soma do poder de sedução de cada liberdade humana pervertida. Isso é devido à complexidade e riqueza do ser

²⁶ RATZINGER, J., "Abschied vom Teufel?" em *Dogma und Verkündigung*. München, Erich Wewel, 1973, pp. 225-234, esp. 234.

²⁷ HAAG, H. *Abshied vom Teufel*. Einsiedeln, 1969. Ver também do mesmo autor: *Teufesglaube*. Tübingen, Katzmann, 1974. HAAG afirma que o Diabo não é uma pessoa mas a personificação do Mal.

humano, criado para ser "a imagem de Deus", senhor da e responsável por toda a criação. As ciências antropológicas e sociológicas modernas, em diálogo interdisciplinar com a teologia, poderiam ajudar a compreender isto. Que as conseqüências da negação de Deus pelo homem ultrapassem a soma das liberdades humanas pervertidas tem sua explicação radical no chamado de toda realidade criada a ser, de alguma forma, "anjo" ou mensageiro de Deus, como a Bíblia testemunha constantemente. Quando o homem se revolta contra Deus não perverte apenas a sua liberdade individual. Sendo um nó de relações com o universo e mediador por vocação divina da orientação de todas as coisas para Deus, a negação humana de Deus desencadeia forças de perversão que adquirem proporções assustadoras e incontroláveis pe-las decisões livres que as originaram.

Isto se compreende melhor em contraponto - como mostra o evangelho de Marcos - com a figura do Espírito. É pelo poder do Espírito que o Cristo vence Satanás. E que é o Espírito senão a comunhão entre o Pai e a Palavra eterna de Deus? Ratzinger afirma "o Espírito Santo é este 'Entre' no qual o Pai e o Filho são um". Jesus nos dá o seu Espírito para restabelecer a relação violada pelo Pecado, e sempre por ele ameaçada, dos homens entre si e com Deus

Eis pois a finalidade das figuras bíblicas de Satã ou Diabo, do Pecado, do Dragão, da Serpente... Elas nos ajudam a penetrar na profundidade abissal do mal enquanto negação de Deus por um ser criado à imagem de Deus. Para compreender o mal apenas nas suas dimensões físicas, sociológicas, psíquicas e outras semelhantes, essas figuras seriam dispensáveis. Para o compreender na sua dimensão "teológica" elas são imprescindíveis.

Se a revelação cristã não dependesse constantemente da função "normativa" dos escritos bíblicos, poderia talvez a Igreja escolher entre essas figuras a que mais se adaptasse a uma determinada época ou substituí-la por outras. Mas tendo que voltar uma e outra vez aos escritos que são a norma da Palavra viva de Deus a cada instante, não resta outro caminho senão a paciente hermenêutica das figuras bíblicas que não podem ser abandonadas por respeito à Palavra que se fez carne.

Essa hermenêutica não deve apenas ser deixada para os teólogos de profissão. Ela deve chegar ao povo cristão que cada dia "ouve" os textos arcaicos para encontrar-se com a Palavra viva. Quando a Bíblia era afastada das mãos do povo cristão os teólogos podiam permitir-se o arbítrio e o luxo de fazer da hermenêutica privilégio de especialistas. Com a Bíblia nas mãos de todos, ensinar a interpretar a linguagem mítica no mundo da linguagem científica e técnica, é o único caminho para que as igrejas não se tornem responsáveis, por seu silêncio, pela utilização mágica e feiticista da figura do Diabo para a alienação da

responsabilidade humana, para a vergonhosa exploração da miséria ou até para os mais inconfessáveis crimes, como a história do passado nos recorda.²⁸

Cristo vence esses poderes no seu próprio terreno, tomando-se ele próprio vítima deles, *vítima expiatória*, ao aceitar livremente e por amor a morte que lhe é infligida pela violência. Violência que nasce da per-versão das relações humanas e que, na cruz de Cristo, atinge sua virulência extrema. Jesus vence pelo poder do Espírito de Deus, que nos é dado, para que possamos, com ele, vencer o "entre" pervertido que chamamos demônio e que continuará a perturbar-nos enquanto a humanidade - na sua totalidade - não tiver acolhido o Espírito Santo, no qual o Pai e o Filho são Um e no qual nós somos um no Cristo.

Compreende-se porque o evangelho de Marcos é concebido do co-meço ao fim como uma luta de Cristo com Satã, pelo poder do Espírito de Deus, e uma paradoxal vitória, quando, aos olhos do mundo das trevas, parece ser vencido por ele, ou seja, pelas potências que se opõem ao Reino de Deus.

Que os endemoninhados sejam doentes psíquicos é uma verdade dificilmente contestável, perante o avanço da ciência psiquiátrica e psicanalítica. Que a sua cura tem, nos relatos evangélicos a significação simbólica - que continua válida para nós - da luta e da vitória do Senhor ressuscitado contra as potências do mal, simbolizadas por Sata-nás, é ainda mais evidente.

O NT fala de pessoas endemoninhadas ou que têm demônios, mas não de pessoas possuídas por Satanás ou pelo Diabo. A terminologia de possessão "diabólica" implica já uma determinada interpretação das figuras bíblicas, que fez não poucos estragos na história. Recordem-se as caças às bruxas na Idade Média!

Ao longo da história, o conceito de pessoa endemoninhada muda notavelmente. No NT, este conceito é dado apenas a pessoas doentes. E sempre se distinguem os demônios do Diabo ou Satarlás, embora nota-se uma tendência na mentalidade popular a fazer das forças de-moníacas, responsáveis por certas doenças, satélites do Diabo. Mas esta mentalidade não é assumida pelo NT. Mais tarde, na história da Igreja, começa-se a usar o termo demônio como sinônimo de diabo (e até hoje

²⁸ Cf. neste sentido: VERNETIE, J., "Retour du Diable. Silence des Eglises?", *Lumière & Vie* 42 (1993/2) 5-14. GÉREST, C. "O demônio no panorama teológico dos caçadores de bruxas", *Concilium* 103 (1975/3) 304-319.

em traduções de textos bíblicos e em livros litúrgicos encontramos esta confusão, bastante perniciosa para a teologia²⁹).

Nunca, nos evangelhos, se fala de uma expulsão de Satanás ou do Diabo por parte de Jesus. A cura dos endemoninhados junto com a cura de outros doentes são um sinal que deve acompanhar a pregação do Reino. "Ao confiar aos discípulos - afirma Kertelge - a missão de curar como ele os doentes e expulsar os demônios (Mc 3,14s e par.; 6,7-12 e par.) convida-os à práxis do seu anúncio do Reino de Deus em palavras e obras, e não à assunção de determinadas práticas rituais".³⁰ Não há nenhum indício nos evangelhos de que Jesus associe de qual-quer forma os endemoninhados com o pecado pessoal. Satanás ou o diabo, ao contrário, é o símbolo do pecado, da oposição ao Reino de Deus. O Diabo nunca é objeto de exorcismos.

Os exorcismos, tal como se realizaram depois na Igreja, adquiriram um sentido bem diferente. É claro que existe no Batismo, desde os primeiros séculos, um rito exorcístico que não é senão uma oração sobre o catecúmeno, pedindo que Deus afaste dele todas as manifestações do mal, simbolizadas na Bíblia pela figura de Satanás. Junto com este gesto sacramental está a renúncia do catecúmeno a Satanás e a todos as suas "pompas e vaidades". O contexto é suficientemente sim-bólico (ou sacramental) para indicar o sentido do rito. A renúncia a Satanás é o contraponto da adesão ao Cristo, vencedor de Satanás.

Como dizíamos, Satanás não pode ser objeto de fé. Se assim fosse, cairíamos na magia. Porque a fé é eminentemente relação pessoal e é precisamente isso que não é possível diante da figura bíblica do Diabo. Perante as forças sombrias e enganosas por ela simbolizadas só cabe uma atitude: a *renúncia*. Mas uma renúncia feita na confiança que nasce da adesão aO.Cristo vencedor de todos os poderes diabólicos.

Mas 'se Satanás não pode ser objeto de fé, também rtpãopode'ser, em primeiro lugar, objeto de conhecimento. Compreendera. figura do mal, nas suas obscuras e sempre enganosas manifestações equivaleria a compreender o.incompreensível: o abismo sem fundo da negação de Deus pela Criatura. No Mistério de Deus, podemos ser introduzidos pela sua graça. A negação do Mistério, a recusa de acolher a autocomunicação de Deus equivale a precipitar-se no abismo assustador do Nada.

²⁹ Um exemplo: Na leitura breve das Completas da Liturgia das Horas, publicadas em Portugal, lemos: "Sede sóbrios e estai vigilantes: o vosso inimigo, o demônio, anda à vossa volta, como leão que ruge ...". O original grego da 1ª carta de Pedro 5, 8, donde é tirada a leitura breve, usa o termo *diábolos*. Deveria, portanto, ser traduzido por diabo. Para interpretar toda a força simbólica da exortação de Pedro à vigilância, não é preciso imaginar esse inimigo como anjo decaído. A virulência da luta do "inimigo" do reino não diminui em nada pelo fato de abandonar a interpretação mítica. Ao contrário, tirando a máscara "mítica" do inimigo, o cristão poderá reconhecer melhor o perigo que o ameaça e encontrar as armas mais apropriadas para lutar contra ele.

³⁰ "Diavoli, dermoni...", *Op. cit.*, p. 34.

O dever do cristão é pois renunciar a Satanás e, para isso, se o caminho do conhecimento está interdito, não o está o do discernimento dos seus enganos e das suas astúcias. Discernindo em nós quais são os pensamentos de Deus, do Espírito que nos é dado para vencer Satanás, e quais são os pensamentos humanos, ou seja os pensamentos que se recusam a acolher a manifestação de Deus na vida humana, ou ainda em outras palavras, vencendo a tentação de querer ser como Deus, Satanás pode ser vencido a cada momento.

Conforme a mentalidade antiga - presente em numerosos textos extra-bíblicos de exorcismos e refletida de alguma forma nos evangelhos - o exorcista devia *conhecer o nome* do demônio para o poder dominar e expulsar. Na concepção de Satanás ou das forças demoníacas proposta pela nova hermenêutica dos textos bíblicos, isto é muito mais verdadeiro. Só examinando em cada situação concreta, através do discernimento dos espíritos, quais são "os demônios" que atormentam as pessoas, as comunidades e os povos, poderemos com as armas do evangelho - auxiliadas pelas ciências que se ocupam dos distúrbios das pessoas e das sociedades - lutar contra o mal de forma eficaz.

A história do cristianismo, em concreto a forma como foi concebida e exercida muitas vezes a sua missão "exorcística", faz suspeitar que em muitas ocasiões pode ter-se recaído em "crenças não cristãs" do Diabo. Quantas vezes os sistemas repressivos que pretendiam combater as ações atribuídas ao diabo e às pessoas nelas envolvidas eram eles mesmos diabólicos!

O fenômeno da possessão diabólica é um fenômeno complexo que envolve fenômenos físicos acompanhados de fenômenos para-psíquicos. Os que continuam a defender que o fenômeno é causado pela ação de Satanás, concebido como um ser pessoal extra-mundano, o definem de forma mais ou menos semelhante a esta: "A possessão diabólica consiste no domínio que Satanás exerce diretamente sobre o corpo e indiretamente sobre a alma de um indivíduo. Trata-se de um fenômeno extraordinário, dos mais graves e terríveis que transforma irresistivelmente a pessoa envolvida em instrumento do poder despótico e perverso do diabo." Assim por exemplo se expressa Balducci.³¹ Os seus argumentos, como os de outros que defendem a possessão diabólica, não são em forma alguma convincentes. Balducci afirma que fenômenos psicopatológicos, juntamente com fenômenos parapsíquicos (chamados por Balducci de "metapsíquicos") constituem um forte indício de uma possessão diabólica. J. Mischo objeta que há aqui um sofisma, não um aumento qualitativo de fenômenos para atestar uma causa sobrenatural. Os fenômenos que ele chama de metapsíquicos e que, na

³¹ "Priester, Magier, Psychopathen", no livro intitulado *Die teuflische Besessenheit*, p. 93, citado por J. Mischo, "La 'possessione' diabolica". Sulla psicologia delle reazioni irrazionali", em KA8PER, W. - LEHMANN, K (eds.), *Diavolo -demoni - possessione. Sulla realtà deZ maZe*. Brescia, Queriniana, 1985². p. 166.

realidade, não são senão parapsíquicos, são tão naturais como os outros.³²

Isto é só um exemplo da fragilidade da argumentação dos que sustentam a existência de possessões diabólicas. As imagens de Deus que implicam estão não raras vezes em aberta contradição com a imagem de Deus revelada em Jesus Cristo. Um Deus que vence o mal em Jesus Cristo não pode divertir-se envolvendo seus filhos nos intrincados labirintos e enigmas criados pelas especulações com as possessões diabólicas, diante das quais o homem se sente impotente e ameaçado por um poder totalmente irracional e incontrolável.

Acresce-se que os possessos geralmente são vítimas e não culpados. O fenômeno da possessão pode ser interpretado como projeção coletiva, sobre uma vítima, dos temores e distorções de um determinado grupo social. Possesso é aquele que sucumbe a essa acusação coletiva, explícita ou subliminar, feita em nome de um poder divino e se identifica com o juízo negativo que os outros fazem contra ele. É claro que o fenômeno pode revestir-se das mais diversas formas e até envolver também a conivência, culposa ou não, da vítima.³³

Pois bem, levar tais vítimas de uma introjeção coletiva ao exorcista, é a melhor forma de reforçar a projeção introjetada. A Igreja hoje tem a capacidade de reconhecer - e de fato existem pronunciamentos de autoridades eclesásticas neste sentido - casos que, no passado, por condicionamentos culturais, julgou ser da competência do "exorcista", devem ser confiados ao médico, ao psicólogo ou ao parapsicólogo.³⁴

É claro que estas breves linhas não podem tratar o assunto com a profundidade que a sua complexidade requereria e que só um estudo

³² Depois do Concílio Vaticano II a figura do exorcista não existe mais oficialmente. Também não está em vigor o rito do exorcismo. A Igreja permite, contudo, que uma diocese tenha um exorcista para esses casos estranhos em que as pessoas acreditam que estão possuídas por um demônio. No passado, sempre limitou o ministério do exorcismo a pessoas muito especializadas, para que não confundissem um simples fenômeno psicológico com o que se dizia antigamente ser uma possessão do demônio, sempre relacionada com problemas psicológicos e psiquiátricos difíceis de serem resolvidos. A condescendência da Igreja, neste assunto como em tantos outros, após as reformas que seguiram ao Vaticano, é certamente uma deferência com os bispos, padres e teólogos que defendem as antigas formas de conceber o Diabo. Ver, entre os defensores desta posição, LAURENTIN, R. *Le démon, mythe ou réalité? Enseignement et expérience du Christ et de l'Église*. Fayard, 1995. Para notícia do movimento que promove a restauração da figura "tradicional" (?) do exorcista e a promulgação de um novo ritual para o exorcismo: JAY, P. "Quelques réflexions sur les exorcismes. (A propos des ouvrages de G. AMORTHU: n exorciste raconte et Nouveaux récits d'un exorciste)", *Esprit et vie* 104 (1994).

³³ Ver SCHWAGER, R., "Der vom Himmel gefallene Satan. Wer oder was ist der Teufel?", *Theologie der Gegenwart* 35 (1992) 255-264. Condensado em "Quién o que es el Diablo", *SeTeol* 33 (1994)136-140.

³⁴ Evidentemente não podemos tratar aqui toda a complexidade do fenômeno. Ver: MISHO, J., *Art. cit.*, p. 168. Verb. do mesmo autor "Perspectivas diagnósticas e psico-higiênicas interdisciplinares em casos de 'possessão diabólica'", em *Concilium* 103 (1975/3) 328-345.

interdisciplinar poderia tratar adequadamente. Elas não pretendem ser senão a consequência lógica da interpretação da figura bíblica do Diabo e dos demônios apresentada neste artigo.

Sendo preciso concluir de alguma forma, terminarei com esta advertência, para evitar mal-entendidos: A reinterpretação das figuras bíblicas do Diabo e dos demônios não pretende reduzir o mal a seus aspectos psicológicos, sociológicos ou políticos. As figuras bíblicas continuam necessárias para descobrir a raiz última do mal e dos temores que afligem a humanidade: a rebelião contra Deus ou a sua negação ou ainda o seu esquecimento. "Conhecer o nome dos demônios" que tentam dominar os homens e mulheres de nosso tempo é um primeiro passo necessário para acolher a vitória do Cristo sobre o mistério do mal, que, na sua profundidade abissal, tem o nome de Satanás: com este nome a Bíblia designa o conjunto dos poderes que se opõem ao reino de Deus e, concomitantemente, à vida em liberdade dos irmãos.

Não se trata portanto de tentar explicar de forma racionalista o mal, tirando "a máscara do Diabo". O que está em jogo é algo muito mais sublime e mais vital para a vida cristã e para a evangelização do terceiro milênio. O primeiro milênio do cristianismo não tinha perdido o senso do simbólico presente na Bíblia, apesar do seu empenho em dialogar com a filosofia grega. Estão a testemunhá-lo os escritos dos Padres. No segundo milênio, a teologia pactuou não poucas vezes com o racionalismo dominante, apesar de ver-se ameaçada pelas descobertas científicas da modernidade. É possível esperar, se for levada a sério a consciência da autonomia das realidades terrenas afirmada pelo Vaticano II, que a Igreja do terceiro milênio reencontre em profundidade o senso e a linguagem simbólicos, porque somente assim poderá falar de Deus aos homens, de forma verdadeiramente significativa. Então talvez será compreendida a função das figuras bíblicas do Diabo e dos demônios e os cristãos se decidam a "renunciar" verdadeiramente a Satanás como "perversão do divino"³⁵ (desse caráter divino que, pela graça de Jesus Cristo, está impresso em toda a criação) e a acolher decididamente a glória de Deus que se manifestou na cruz de Cristo e deve continuar a manifestar-se no seu Corpo, a Igreja, em luta contra todas as máscaras do mal que escravizam tantos irmãos.

Não se nega o Diabo como ser pessoal por veleidade, ou prurido teológico de modernidade, mas apaixonados pela glória de Deus! É essa paixão pela glória do Pai que levou o Cristo à cruz.

³⁵ Conforme a conhecida expressão de P. Tillich. Cf. RICHARD, J., "Le démonique comme perversion du divin d'après Paul Tillich", *Teologiques* 5 (1997) 89-113.

Enquanto Adão pronunciou estas palavras, todos os seres vivos acorreram e o rodearam, e naquele momento a corrente do rio se deteve. Então Adão invocou aos gritos o Senhor Deus e a sua garganta enrouquecia a cada dia que passava. Todos os seres vivos estiveram chorando com Adão dezenove dias.

Satanás engana Eva pela segunda vez

Neste momento Satanás, seu inimigo, sobressaltou-se, transformou-se num anjo resplandecente e foi ao rio Tígris, onde se encontrava Eva. Ao vê-la chorando com uma dor tão enorme, também ele deitou a chorar. A seguir lhe disse:

- Saí daí, volta i, descansai e não choreis mais. Deixai já a tristeza, que tanto vos abruma, pois o Senhor escutou vossa lamentação e aceitou vossa penitência. Todos os anjos e eu temos implorado em favor de vossa aflição; e Ele me envia a tirar-vos da água e devolver-vos os alimentos que tivestes e perdestes pelo pecado. Saí portanto e eu vos conduzirei ao lugar onde está preparada vossa comida.

Saiu Eva da água; sua carne estava como a erva pelos rigores da água. Mas, ao começar a caminhar, desmaiou e ficou sem i-morta quase todo o dia. O diabo levantou-a do chão e ela, junto com ele, caminhou até Adão. Adão ao vê-las exclamou entre soluços:

- Eva, onde estão os teus rigores penitenciais? Como te deixaste seduzir pelo teu adversário, aquele que nos afastou da morada do paraíso e da alegria espiritual?

Eva, ao ouvir isto, caiu na conta de que o diabo a tinha seduzido, ao persuadi-la que saísse do rio; prostrou-se por terra e duplicou sua dor, seus lamentos e seu pranto. Adão por sua vez exclamou:

- Ai de ti, diabo, que não deixas de acometer-nos com tamanha dureza! Que tens a ver conosco? Que te fazemos para que nos persigas com tanto engano? O que temos a ver com a tua maldade? Por acaso te arrebatamos tua glória ou provocamos a tua desonra? Seremos teus inimigos ímpios e invejosos até a morte?

O diabo, entre lágrimas, replicou -lhe:

- Adão, toda minha hostilidade, inveja e dor vêm por tua causa, já que por tua culpa fui expulso da minha glória e afastado do esplendor que tive no meio dos anjos; por tua culpa fui jogado na terra.

Adão respondeu-lhe:

- O que eu te fiz ou em que consiste minha culpa se eu não te conhecia?

O diabo insistiu:

- O que estás dizendo? Que nada fizeste? No entanto, por tua culpa eu fui expulso. No mesmo dia em que foste formado eu fui expulso da presença de Deus e afastado da companhia dos anjos, quando Deus inspirou em ti o sopro vital e teu

rosto e tua figura foram feitos à imagem de Deus; quando Miguel te trouxe e fez que te adorássemos diante de Deus, e Deus disse: "Adora a imagem do Senhor Deus". Eu respondi: "Não, eu não tenho por que adorar Adão". Como Miguel me forçasse a adorar-te, eu lhe respondi: Por que me obrigas? Eu não vou adorar a alguém pior do que eu, posto que eu sou anterior a qualquer criatura, e antes de que ele fosse feito eu já tinha sido feito. Ele deve adorar-me e não o contrário." Ao ouvir isto o resto dos anjos que estavam comigo se negaram a adorar-te. Miguel insistiu comigo: "Adora a imagem de Deus". E eu respondi: "Se Ele se irrita comigo, porei meu trono por cima dos astros do céu e serei semelhante ao Altíssimo". O Senhor indignou-se contra mim e ordenou que me expulsassem do céu e da minha glória junto com os meus anjos. Desta forma, fomos expulsos, por tua culpa, das nossas moradas e jogados à terra. No mesmo instante submergi na dor, porque tinha sido despojado de toda a minha glória, enquanto tu eras todo mimo e alegrias, aquilo mesmo do que eu tinha sido privado anteriormente.

Ao escutar estas palavras, Adão gritou entre soluços:

- "Senhor Deus, minha vida está nas tuas mãos; faz que este inimigo que tenta deitar a perder minha alma, se afaste de mim. Devolve-me a glória da qual fui expulso",

E o diabo desapareceu da sua vista. Adão, por sua vez, mantinha-se na sua penitência de quarenta e sete dias na água do Jordão.

"Vida de Adão e Eva 9,1-16", trad. do castelhano da obra de MACHO, A. D. (org.), *Apócrifos dei Nuevo Testamento* 11.Madrid, 1983, pp. 340-341.

Endereço do Autor:
Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127
31.720-300 Belo Horizonte - MG e-
mail: isiprof@africanet.com.br